

Luis Henrique Paloski<sup>1</sup>  
Eliane Cadoná<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Psicólogo. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Frederico Westphalen.

<sup>2</sup> Professora do Curso de Psicologia da URI – Campus de Frederico Westphalen. Doutorado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Endereço para correspondência: Av. Bento Gonçalves, 4281, apartamento 204, Bairro Partenon, Porto Alegre. CEP: 90650-001

E-mail: [luishenriquepaloski@hotmail.com](mailto:luishenriquepaloski@hotmail.com)

Recebido : 29/06/2014

Aprovado : 11/11/2014

## Diversidade sexual: da biologia sexista aos estudos de gênero

### Sexual diversity: the biology sexist to gender studies

---

#### Resumo

Na contemporaneidade, encontramos uma série de comportamentos humanos sendo expressos para o mundo. Muitos deles são entendidos como fora dos padrões impostos por uma sociedade arcaica e preconceituosa, principalmente os relacionados à sexualidade. A diversidade sexual humana, dentro desse contexto, ganha maior visibilidade na atualidade, em um papel contraditório que ora assume a homoafetividade dentro de um contexto de quebra de estereótipos, ora de reforço à questão do preconceito. No campo dos Estudos de Gênero, na linha dos Estudos Feministas, entendemos que movimentos que proliferam o preconceito e a discriminação das diversas orientações sexuais precisam ser repensados e muitos deles, desconstruídos. Muitas teorias psicológicas que ainda perduram acabam construindo e mantendo preconceitos com base em um discurso produzido por uma ciência positivista. Muitas dessas teorias centram-se nos fatores etiológicos da homoafetividade, apontando para a orientação sexual como uma escolha, que gira em torno de uma mãe superprotetora ou de um pai negligente. Nessa perspectiva, defendemos que é preciso existir o conhecimento e a compreensão da diversidade sexual para além de uma visão biologicista e sexista, para que as pessoas possam ter a sua cidadania respeitada em todos os seus aspectos, contribuindo para a existência de uma sociedade mais justa e solidária.

**Palavras-chave:** Diversidade Sexual; Homoafetividade; Direitos Humanos; Psicologia.

#### Abstract

In contemporary times, we find a series of human behaviors being expressed to the world. Many of them are regarded as outside the standards imposed by an archaic and prejudiced society, mainly those related to sexuality. Human sexual diversity, within this context, gains greater visibility today, in an adversarial role that now takes the homo-affectivity within a context of breaking stereotypes, and also the question of reinforcing prejudice. In the field of Gender Studies, in the line of the Feminist Studies, we understand that movements that spread the prejudice and the discrimination of various sexual orientations need to be rethought and many of them deconstructed. Many psychological theories that still linger over end up building and maintaining prejudices based on a speech produced by a positivist science. Many of these theories focus on etiological factors of homo-affectivity, pointing to the sexual orientation as a choice, which revolves around an overprotective mother

or a neglectful father. In this perspective, we need to have knowledge and understanding of the sexual diversity in addition to a vision and biologist sexist, so that people can have their citizenship respected in all its aspects, thus contributing to the existence of a just society and full of solidarity.

**Keywords:** Sexual Diversity; Homo-affectivity; Human Rights; Psychology.

## Introdução

A diversidade que existe na música, no cinema e na literatura é um reflexo do que acontece no campo intrapessoal das relações humanas. Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, heterossexuais e outros diversos modos de estar no mundo reforçam a ideia de que a dimensão de gênero e sexualidade vai muito além dos padrões estereotipados de homem e mulher, naturalizados por instituições, a exemplo da religião e da família, e por outros mecanismos de controle social, empregados com o passar dos séculos.<sup>2</sup>

Simone de Beauvoir afirmou que não se nasce mulher, torna-se mulher. Ela, como tantas e tantos estudiosos, problematizaram a naturalização de padrões e estereótipos que foram instituídos com o passar dos anos nas sociedades. Com sua célebre frase acima citada, Beauvoir coloca em análise o conceito biologicista e sexista que serve como base para assumir a postura de que só existem duas formas de expressar a sexualidade, e que estas estão ligadas ao sexo biológico, embora já se saiba que a heterossexualidade, tida enquanto norma, também não passa de uma invenção humana.

Para compreendermos como naturalizamos determinados discursos, devemos nos basear no conceito de discurso proposto por Michel Foucault<sup>3</sup>. Para o autor, quando nascemos, já nos deparamos com um mundo que é da linguagem, onde os discursos circulam há muito tempo e assim, nos tornamos, consequentemente, sujeitos deles. Esses discursos posicionam os sujeitos e produzem modos de ser.

Assim, possuímos a visão da mulher, por exemplo, ligada à fragilidade e à maternidade, e do homem, à virilidade e força, não porque isso faz parte de suas naturezas, mas porque há uma complexa rede de instituições que, por intermédio de uma rede discursiva que está localizada em um tempo histórico, político e cultural, permite a proliferação de determinados discursos e a extinção de tantos outros.

Na contemporaneidade depositamos, em especial na escola/educação, a responsabilidade desta ser a construtora da igualdade social, almejando-se assim o respeito, por parte das pessoas, das diversidades, sempre existentes. Para visualizar o coliseu de diversidade que temos na espécie humana, basta apenas contemplar a área da sexualidade: lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, intersexuais e *queer* são algumas das muitas formas de expressão, não apenas ligadas ao sexo, mas a um modo de vida que quebra com os padrões pré-estabelecidos de uma sociedade patriarcal e sexista.

Na sociedade contemporânea, a homoafetividade ainda abriga-se no grupo das minorias sociais, em especial por sua marginalização. Dentro desse cenário, são essas as coletividades que sofrem processos de discriminação e até mesmo estigmatização, resultando em diversas formas de desigualdade ou exclusão sociais, mesmo quando constituem a maioria numérica de determinada população. Exemplos disso incluem negros, indígenas, mulheres, imigrantes, idosos, trabalhadores de rua, portadores de deficiências, homoafetivos, dentre outros.<sup>4</sup>

Pensando em singularidade humana acreditamos, embasados em Nardi que encaixar sujeitos e subjetividades em “classes” de sexualidades pode ser uma forma de controle do Estado. Reforçamos essa ideia com Foucault, que propõe a biopolítica como uma forma do Estado controlar a vida dos sujeitos e população por meio de políticas públicas voltadas a determinados grupos sociais, descritos como minorias, como é o caso dos LGBTTTIQs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros, Intersexuais, Queer e outros). Nesse sentido a escola pode ser utilizada como um dos dispositivos para execução de tal controle social, tendo em vista que é possível realizar esse controle desde a infância.<sup>5,6</sup>

Nessa mesma linha argumentativa, insere-se a perspectiva *Queer*, que, ao tratar de questões relativas às identidades homoeróticas, dessacraliza a ordem falocêntrica, heterossexista e homofóbica, que rege a conduta de grupos violentos e preconceituosos. A produção homoafetiva (ou aquela literatura em que se tem um *eu* enunciador que se quer negro) contesta as premissas eurocêtricas, já que valoriza a produção e a cultura de um grupo étnico excluído socialmente.<sup>7</sup>

Desse modo, trabalhar na escola os Direitos Humanos, ensinando para a diversidade é um ótimo começo, porém precisamos ultrapassar o campo de atuação da sala de aula. Todas as instituições, principalmente a família, devem trabalhar os conceitos da diversidade em seu meio. Exclusão, preconceitos e maus-tratos precisam ser erradicados da sociedade, como o governo do Brasil pronuncia – Um país de todos e todas -, só falta sair do papel e entrar de vez no campo das relações.<sup>8</sup>

Todavia, mesmo diante de tantas tentativas de produzir um mundo em que se aceite a diversidade racial, cultural, sexual, e outras, notamos ainda muitas resistências para que haja tais mudanças, em especial quando se insiste em proliferar discursos de homogeneização de modos de ser, muitas vezes mais convenientes à lógica política e econômica vigente. Essa sociedade teme e pune, consciente e inconscientemente, os sujeitos que ousem fugir à norma. Observa-se, neste contexto, os recursos midiáticos, segundo Guattari<sup>9</sup>, pouco confiáveis, devido ao fato de serem controlados por valores elitistas da sociedade a quantidade de danos causados a gays, lésbicas, transexuais, indígenas, negros, o que leva a pensar que o sonho de Hitler da eugenia ainda vive.

Ao pensar nessas formas de comunicação, com base em Guattari<sup>9</sup>, que aborda a sua vivência em rádios piratas que procuravam criar espaços de quebras de padrões e normas, podemos entender que nenhum meio de comunicação é intrinsecamente bom ou ruim. Podemos compreender, baseando-se nessa ideia, que se os recursos midiáticos, se bem utilizados, são capazes de produzir algo singularizante, dando voz à expressão e à criação; já se mal utilizadas podem ser alienantes e opressivos. Dessa forma, a Mídia criadora de discursos pode tanto contribuir para a construção e manutenção da homofobia, bem como o seu inverso, isto é, a liberdade de expressão sexual.

### **Homoafetividade: visitando os estudos de gênero e a biologia**

A ciência, e em especial a Ciência Psicológica, contribuiu por muito tempo para a proliferação de discursos que posicionavam a homoafetividade dentro do campo das psicopatologias. Dentro desse contexto, pode-se perceber o quanto, por intermédio de uma herança positivista, os/as estudiosos/as procuram explicar todo e qualquer fenômeno humano e, tudo o que foge aos padrões e normas estabelecidos pela própria ciência, são mesmo assim enquadrados, porém na lista dos marginalizados. Esse fenômeno pos-

sua origem na ideia de que a ciência tudo deve explicar, enquadrando sentimentos e condições humanas subjetivas em generalizações e quantificações que, de forma alguma, conseguem mensurar e dar conta de tamanha complexidade.

O campo verbal ajuda a produzir preconceitos e, além do mais, é utilizado como mecanismo de exclusão social. Por exemplo: parece preconceituoso o fato de ninguém precisar se assumir heteroafetivo, mas todo homoafetivo tem que dizer que é homoafetivo, precisa “sair do armário” como se, para ser aceito, necessitasse de alguma forma explicar sua orientação sexual. Os sujeitos precisam aprender que cada um tem o direito de expressar sua sexualidade como ela é sem precisar dar explicações a todos.<sup>10</sup>

Para que um dia possamos atingir um nível de cidadania mais equitativa e solidária, necessitamos atentarmos-nos aos discursos que produzimos, proliferamos e que tipo de conseqüências estes exercem em nossa sociedade. É por meio deles que os estereótipos de gênero se cultivam, exclusivamente nas representações segmentarias criadas em relação ao masculino e ao feminino. Precisamos trabalhar com uma linguagem não estereotipada, porque assim estaremos visibilizando a existência do *gay*, da lésbica, do transexual, do bissexual, do masculino e do feminino ao mesmo tempo.<sup>11,12</sup>

Para exemplificarmos a produção de discursos no campo da Ciência Psicológica em relação à homoafetividade, trazemos os conceitos de um determinado autor, a seguir, que procura, dentro de uma lógica positivista de ciência, explicá-la, muitas vezes tendo-se ainda como molde a heterossexualidade, ou seja, parte-se da “regra” para a “exceção”. É válido ressaltar aqui que a produção de discursos desse sentido influencia diretamente na vida de sujeitos que, subjetivados por essa produção de saberes, acabam tomando essas lógicas enquanto verdades. Após a explanação dessas breves exemplificações, faremos uma discussão a respeito.

Zimmerman<sup>13</sup> categoriza a homoafetividade em homoafetividades, no plural, devido a suas inúmeras formas de manifestações. Segundo ele, existe a homoafetividade latente, em que os desejos são disfarçados ou ocultos: o sujeito casa, tem filhos e nunca assume sua verdadeira sexualidade. Há também a homoafetividade situacional, em que ocorrem vivências homoeróticas em determinadas circunstâncias (em internatos, por exemplo), nunca mais se repetindo. A esse último exemplo o autor não nomeia de homoafetividade.

Zimmerman<sup>13</sup> ainda aborda as principais etiologias da homoafetividade. Inicialmente, frisa que são muitos os fatores que colaboram para o surgimento dessa forma de orientação sexual. Um deles são os fatores biológicos constitucionais, isto é, durante a gestação, a mãe produz hormônios que efeminam o feto do sexo masculino, colaborando para a construção de um futuro homoafetivo. Ainda existiriam contribuições genéticas para a formação da homoafetividade. Por exemplo: gêmeos univitelinos têm maior probabilidade de serem *gays* quando um dos dois for *gay*.

Outros fatores etiológicos trazidos pelo autor são os aspectos socioculturais e familiares, como a transgeracionalidade dos conflitos edípicos não resolvidos ou condicionamentos do meio. A construção de um gênero sexual oposto ao sexo biológico pode surgir da estimulação para que a criança adote comportamentos comuns ao sexo oposto, podendo gerar uma confusão da sua identidade. E por fim, os fatores psicológicos, mais especificamente para a psicanálise freudiana, referentes aos pontos de fixação de referência na fase anal que podem produzir um sujeito homoafetivo.

Na psicologia, cada teoria possui um entendimento diferente. Por exemplo, ainda dentro de uma abordagem psicanalítica, é pregada uma evolução sexual que começa com o autoerotismo e constitui-se, posteriormente, na heterossexualidade. Na adolescência essa evolução pode ser descrita como um oscilar permanente entre o exercício de caráter masturbatório e os começos das atividades genitais, sendo essas atividades mais de caráter exploratório e preparatório. Quando o adolescente “aceita” sua genitalidade, ele começa a busca por contatos sexuais cada vez mais profundos e mais íntimos. Nessa fase do desenvolvimento, podem-se ver expressões de uma bissexualidade conforme essa teoria, ou seja, rapazes com comportamentos ditos femininos e moças com comportamentos ditos masculinos.

Entendemos, a partir dos referenciais teóricos nos quais nos firmamos, e iniciando uma problematização a partir do que foi acima exposto, que os estudos que se direcionam às questões relacionadas à homoafetividade não devem procurar suas causas, tendo em vista que este foi o caminho pelo qual muitos estudiosos psicopatologizaram esta forma de orientação sexual. Para fomentarmos ainda mais a discussão, perguntamo-nos: porque as causas da heterossexualidade não são estudadas a fundo? Há realmente uma explicação para a heterossexualidade além do fato de ligarmos, de forma reducionista, o gênero ao sexo, como se a biologia fosse o destino?

Para Monique Wittig, a diferença (entendida como uma criação humana) estabelecida entre os sexos não é nada mais do que uma interpretação, constituída de normas fundadas em um sistema binário de gêneros. Quando uma criança nasce, damos atenção aos seus traços anatômicos sexualmente diferenciados que, por sua vez, determinam o seu destino social. Para Michel Foucault, essa organização binária de força, em especial quando se baseia nas polaridades de gênero, efetuam-se pelas mais variadas formas de poder que, por sua vez, são produtivas e estratégicas.<sup>14</sup>

A redução do comportamento humano à biologia (a qual não pode ser negada, mas também não utilizada como explicação única e exclusiva para tudo) parece ainda manter a Psicologia em uma ciência que se posiciona em partes nas Ciências Naturais, talvez para se legitimar enquanto ciência em um período em que a quantificação e a generalização procuram a tudo explicar. A partir daí, surge a necessidade de classificar comportamentos que, se analisados mais a fundo, não podem ser enquadrados em padrões porque não seguem um caminho, uma receita, não fazem parte apenas de algo que diz respeito ao orgânico, mas também ao social e ao psicológico. Vistos em sua integralidade, esses campos, inseparáveis, tornam-se muito complexos de serem explicados.

Em um estudo realizado por Cadoná<sup>15</sup>, constrói-se uma crítica em relação às explicações biológicas que naturalizam modos de ser. Para compreendermos como essas questões passam a fazer parte da vida dos sujeitos, é preciso, por exemplo, entender como as mães foram posicionadas em uma rede discursiva, após a segunda guerra mundial, como as principais cuidadoras das crianças. Esse discurso ganha ainda mais força com o surgimento da Política Nacional de Amamentação, na década de 80, no Brasil, quando, para amamentarem seus/as filhos/as ao peito, discursos psicológicos passam a colocá-la na posição de nutriz. A mãe biológica, a mãe “natural” passa a ser considerada a salvação do futuro da nação em meio às campanhas porque possui a capacidade de aleitar e, neste caso, não há espaço, em meio a esses discursos, para as mães adotivas e também para casais de lésbicas que optam pela adoção.

Mas, o que isso tem a ver com o assunto proposto no artigo? Na verdade, o mesmo acontece quando falamos em orientação sexual: para manter o discurso da heteronormatividade, a Psicologia, não descolada

de todas as instituições que de alguma forma interessam-se em manter essa lógica, acaba produzindo um modo “natural” de ser humano, em muitos casos, firmado em sua biologia.

As explicações ligadas à identidade sexual que pode ser influenciada por modelos é outra pauta a ser discutida. A psicanálise freudiana, a qual muitos e muitas autoras que a utilizam esquecem que foi produzida em um dado momento histórico, é muitas vezes utilizada como pretexto para explicar a homoafetividade como estando fora da norma. Poucos sabem, entretanto, que muitos estudos que vieram à tona e se mantiveram enquanto dogmas a serem seguidos seguiam lógicas de Estado, pautadas no controle social, havendo pouca cientificidade em suas explicações.<sup>16</sup>

Palma<sup>12</sup> coloca ainda em análise como a ciência acaba ainda firmando-se, a partir dessas teorias, na ideia de que a orientação sexual dos pais e das mães influenciará diretamente na orientação sexual de seus filhos e filhas, o que acaba gerando mais preconceito e culpa em meio à adoção por casais homoafetivos. Ora, se a orientação sexual é influenciada pela identificação com os pais, como explicar a existência de filhos e filhas que não se reconhecem heterossexuais em famílias ditas “normais”, com um padrão heteronormativo de convivência?

Essas são explicações trazidas por estudiosos em relação à homoafetividade. Nós as consideramos cruéis, pois culpabilizam alguém pela homoafetividade. Parece que é um pecado ser diferente e, na verdade, alguns acreditam piamente nisso. Por que há muito mais interesse em saber as causas da homoafetividade, do que da heteroafetividade? O sujeito não pode ser apenas *gay* e ponto final? Precisa ser curado do seu mal, necessita que um pastor dito apoiado na fé que o transforme em homem novamente, como muitas culturas norte-americanas o fazem? Precisamos estar atentos ao quanto a ciência contribui para a produção e manutenção de preconceitos.

### **Homofobia: uma construção social**

O desenvolvimento e a expansão do Cristianismo como religião dominante transformou a aparente aceitação da homoafetividade, nas civilizações Greco-romanas, em uma profunda discriminação, e a prática homoafetiva passou a ser condenada e punida pela sociedade, uma vez que ela ia contra os princípios morais e éticos pregados pela igreja. Essa discriminação funciona como uma máscara e serve para ocultar e disfarçar os verdadeiros desejos de pessoas que têm medo de assumir sua opção sexual e acabam reprimindo o desejo, originando, assim, a angústia, a depressão e a melancolia.<sup>17</sup>

Entende-se que a orientação sexual é algo extremamente pessoal, não podendo ser mudada, simplesmente, para que seja feita a vontade dos estereótipos predominantes na sociedade. Desse modo, qualquer tentativa de tratamento é considerada uma violação dos direitos do homoafetivo. O Código de Ética dos Psicólogos deixa bem claro que psicoterapias de reversão são uma afronta à liberdade, à dignidade e à integridade do homoafetivo. O trabalho do psicólogo deve respaldar-se nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos, procurando eliminar qualquer forma de violência, opressão e discriminação que esteja a seu alcance.<sup>18</sup>

Nesse sentido, a violência de gênero caracteriza por um fenômeno complexo que ocorre em todos os países em nível global e cuja análise exige uma perspectiva interdisciplinar e integrada, pois é um tema

que precisa ser mais discutido, procurando criar meios que colaborem para a diminuição do preconceito presente na esfera da homoafetividade. Nenhuma pessoa deveria sofrer de abusos verbais e físicos por causa de sua sexualidade. Toda vez que essas formas de terrorismo acontecem, elas reforçam a presença na sociedade da inaceitável homofobia.

Como formas de expressão da homofobia o autor Camargo<sup>7</sup> explicita uma reflexão sobre o preconceito, e, de acordo com o autor, esta é geralmente expressa por meio de ofensas que ferem profundamente os outros, como, por exemplo, classificar, nomear um homoafetivo de “bicha”, de “viado” ou de “mulherzinha”, entre outros adjetivos pejorativos, que denigrem a imagem e a identidade sociocultural de um determinado grupo ou indivíduo. Quando danos ao psiquismo podem ser causados por essas expressões sádicas da sociedade, frente à diversidade de modos de ser que não é acolhida e, tão pouco, aceita?

Outra forma de violência às minorias sociais, incluindo a homoafetividade, são as representações que se formam nas artes, como no cinema e na literatura brasileira, em relação aos grupos sociais que ocupam posições “ditas” periféricas na sociedade. Por exemplo, no campo dos estudos literários, estudiosos como Dalcastagnè<sup>19</sup> assinalam que há, na historiografia literária brasileira, uma exclusão de determinados grupos, como o de negros, homoafetivos, pobres, mulheres, o que legitima discursos que acentuam uma visão hierarquizada das relações sociais no contexto brasileiro. Dessa maneira muitas vozes são silenciadas ou, quando representadas, aparecem de forma secundária, ou enfraquecida, ou ainda estereotipada.

Nessa perspectiva a respeito da exclusão de vozes de grupos minoritários na literatura brasileira, a mesma autora declara que, da mesma forma como outras esferas de produção do discurso, o campo literário brasileiro se configura como um espaço de exclusão. Afirma que nossos autores são, em sua maioria, homens, brancos, residentes dos grandes centros urbanos e de classe média. Assim, é de dentro dessa perspectiva social que nascem suas personagens, que são construídas suas representações. O que deixa de fora o outro (mulheres, pobres, negros, homoafetivos) e quando está incluído nessas narrativas, costuma aparecer em posição secundária, sem voz, e, muitas vezes, marcados por estereótipos.<sup>19</sup>

Com isso, devemos nos utilizar também da proposta que avança no sentido de que a literatura servirá de ponto de partida não apenas para se pensar o imaginário humano, mas principalmente a relação deste com o social. Discutir as bases de sustentação do cânone, avaliar a história como algo inclusivo, viabilizar uma discussão tendo como focos principais as identidades femininas, homoeróticas e negras, mais do que ser uma inserção nas tendências da crítica atual, é uma busca pelos reconhecimentos dos direitos humanos.

### **Considerações finais**

As relações homoafetivas ou homoeróticas existem desde os primórdios da humanidade, com o diferencial de que, em alguns momentos históricos e em algumas culturas, eram muito respeitadas, especialmente nas culturas grega e romana, que as consideravam constitucionais nos rituais sagrados, na iniciação sexual dos jovens e nos exércitos, formados excepcionalmente por homens. Dessa forma, percebe-se que a homoafetividade era, de certa forma, vista e tida como algo natural e constituinte das relações humanas em alguns momentos, era considerada um ato comum e por essa razão não sofria represálias ou discriminações.<sup>17</sup>

Para Guareschi<sup>20</sup>, esse fenômeno em que, no decorrer dos tempos, encontramos mudanças na maneira do humano perceber determinado conceito ou modo de viver é explicado pelo simples fato de que a cultura e a sociedade criam e recriam, constroem e desconstroem ideias, padrões, modos de vida, estereótipos, baseados na política e na economia de seu tempo.

A autora Palma<sup>12</sup> defende que os recursos midiáticos passaram a possuir um importante papel na desconstrução dos preconceitos contra os homoafetivos. Segundo ela, mesmo de maneira tímida, os meios de comunicação social abordaram as temáticas relacionadas à orientação gay e lésbica em várias novelas, possibilitando que a coletividade começasse a compreender que a orientação sexual não necessita servir para estigmatizar alguém, deve simplesmente ser respeitada.

De forma alguma a solução seria a transformação de uma sociedade extremamente machista, baseada numa ilusória instabilidade de papéis de homem e mulher, para uma “ditadura homoafetiva”. Defende-se o ideal da construção de meios/instrumentos, para que as diversidades e singularidades dos sujeitos sejam salientadas e aceitas, ao invés de “normalizadas” por uma sociedade de ainda dominada pelos “homens”. Precisamos abolir esse patriarcado, preconceituoso, para instauração de sistema mais equitativo e que possibilite a funcionabilidade de políticas mais igualitárias.

Acreditamos num ideal pregado pelos Direitos Humanos de que uma vida sem violência é direito de todos e todas. Para que uma civilização possa evoluir, ela necessita se metamorfosear. Não existe desenvolvimento sem transformação, e infelizmente, não há transformação sem consternação. Contudo, esse sofrimento não deve ser maior que o direito pela vida. E esse direito diz respeito à felicidade, à liberdade, ao direito de cada ser humano seguir o seu caminho. Também diz respeito ao fato de que os relacionamentos os mais diversos possíveis não sofram por situações de violências e preconceitos pela orientação sexual.<sup>12</sup>

Nesse caminho, devemos nos perguntar: O que é ser homoafetivo? O que é ser heteroafetivo? Por que o ser humano é assujeitado a uma classificação que nunca englobará o seu todo? Entendemos que já é hora, para que as pessoas possam fugir das restrições do relacionamento monogâmico abençoado pelo estado, da vida ser experimentada em todas as suas facetas, isto é, vivida. Não existe a necessidade do homoafetivo, ou de qualquer ser humano ter que repetir esse funcionamento monogâmico dito puritano.<sup>21</sup>

Então, parafraseando Foucault<sup>3</sup> a sociedade precisa parar com seu desejo sádico em disciplinar e corrigir os homoafetivos, para que esses deixem de ser considerados normalizados e sim homoafetivos. Por fim, defendemos que é preciso existir o conhecimento e a compreensão da diversidade sexual, para que as pessoas possam ter a sua cidadania respeitada em todos os seus aspectos, contribuindo para a existência de uma sociedade mais justa e solidária. Lembramos a todos que um arco-íris só é um arco-íris por causa de suas diversas cores, não existindo tamanha beleza sem essa diversidade de tonalidades.



## REFERÊNCIAS

1. Abreu CF. Morangos Mofados. Rio de Janeiro: Agir; 2005
2. Casagrande LS, Carvalho MG, Luz NS. Construindo a igualdade na diversidade: gênero e sexualidade na escola. Curitiba: UTFPR; 2009
3. Foucault M. Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense; 2007
4. Santos YGS, Scorsolini-comin F, Santos MA. Homoparentalidade masculina: revisando a produção científica. *Psicol Reflex Crit.* 2013; 26(3): 572-82
5. Nardi HC. O estatuto da diversidade sexual nas políticas de educação no Brasil e na França: a comparação como ferramenta de desnaturalização do cotidiano de pesquisa. *Psicol Soc.* 2008; 20:12-23
6. Foucault M. Nascimento da Biopolítica. São Paulo: Martins Editora; 2008
7. Camargo FP. Homoerotismo e violência em “terça-feira gorda”, conto de Caio Fernando Abreu. *Fazendo Gênero Diásporas, Diversidades, Deslocamentos.* [Internet]. 2010. Disponível em [http://www.fazendo-genero.ufsc.br/9/resources/anais/1277843817\\_ARQUIVO\\_HOMOEROTISMOEVIOLENCIAEMTER-CAFEIRAGORDA.pdf](http://www.fazendo-genero.ufsc.br/9/resources/anais/1277843817_ARQUIVO_HOMOEROTISMOEVIOLENCIAEMTER-CAFEIRAGORDA.pdf)
8. Albuquerque LS. Educação para a diversidade e cidadania. Recife: Ed. do Organizador; 2007
9. Guattari F, Rolnik S. Micropolítica: Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes; 1986
10. Arend SMF, Pedro JM, Rial C. Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade. Ilha de Santa Catarina: Mulheres; 2010
11. Caderno de Atividades. Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Rio de Janeiro: CEPESC; 2009.
12. Palma YA. Mamãe e... mamãe? Apresentando as famílias homomaternais. [dissertação]. Porto Alegre: Faculdade de Psicologia, Pós-Graduação Psicologia Social, PUCRS; 2011
13. Zimerman DE. Manual de técnica psicanalítica: uma revisão. Porto Alegre: Artmed; 2004
14. Butler J. Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault. In: S Benhabib, D Cornell, editors. *Feminismo como crítica da modernidade.* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 1987. p. 139-54
15. Cadoná E. “Amamentar é educar para a vida?!?!”: A produção da maternidade contemporânea nas campanhas da amamentação. [dissertação]. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Psicologia da PUCRS; 2011
16. Forna A. Mãe de todos os mitos: como a sociedade modela e reprime as mães. Rio de Janeiro: Ediouro; 1999
17. Foster DW. Producción cultural e identidades homoeróticas: teoría y aplicaciones. San José: Editorial de la Universidad de Costa Rica; 2000

18. Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região (CRPSP). *Psicologia, violência e direitos humanos*. São Paulo: CRP SP; 2011
19. Dalcastagè R. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. *Letras de hoje*. 2007; 42(4):18-31
20. Guareschi, PA. *Os construtores da informação: os meios de comunicação, ideologia e ética*. Rio de Janeiro: Vozes; 2000
21. Nardi HC, Quartiero ET. Subjetividade e sexualidade no cotidiano das práticas escolares. In: Pasini E, editor. *Educando para Diversidade*. 1. ed. Porto Alegre: Nuances; 2007. p. 77-96